



Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo



Centro de Memória do IPUSP

Comemoração dos 40 anos do IPUSP

Da Psicologia na USP à criação do Instituto de Psicologia da USP

Palavras por ocasião da sessão comemorativa dos 40 anos do Instituto de Psicologia da USP - 01.08.2011

Arrigo Leonardo Angelini

É com imensa satisfação, e por que não dizer, com muita emoção que participo desta sessão em que se comemora os 40 anos do Instituto de Psicologia.

Em primeiro lugar, cumprimento a Diretora, Profa. Emma Otta, e sua equipe, pela organização do evento, consubstanciado pela publicação do livro que hoje está sendo lançado e que retrata a extraordinária evolução desta unidade da USP ao longo das quatro últimas décadas. Obra primorosamente organizada, com a colaboração de uma comissão especificamente designada, permite ao leitor verificar por que esta Instituição desfruta merecidamente de posição de destaque no cenário nacional, com repercussão internacional, no que se refere ao ensino, à pesquisa e à prestação de serviços à comunidade no campo da Psicologia.

Creio ser do interesse das pessoas que atualmente estudam ou trabalham neste Instituto e das futuras gerações de psicólogos que aqui serão formados, um breve relato histórico que culmina na criação desta unidade básica da USP, lembrando as dificuldades que enfrentamos para conseguir esse objetivo.

Como se recorda, a criação do Instituto resultou da reestruturação da Universidade de São Paulo através da reforma que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1970 e que instituiu novas unidades universitárias, principalmente pelo desdobramento da então

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a fim de resolver os problemas decorrentes do gigantismo que aquela Faculdade passou a enfrentar. A Reforma também introduziu modificações importantes, no que diz respeito à abolição das cátedras e dos cargos de professor catedrático, à alteração da carreira docente, à criação de novos colegiados na administração central e nas unidades de ensino, ao estabelecimento da pós-graduação em novos moldes, além de outras.

O projeto da reforma foi amplamente discutido no Conselho Universitário em múltiplas reuniões, realizadas durante o ano de 1969.

Quanto às unidades que deveriam compor a nova estrutura da USP, o Conselho não teve dificuldade em admitir que era necessária a criação de institutos independentes para tratar das ciências tradicionais como a Física, a Química, a Matemática, as Geociências, as Ciências Biológicas, entre outras, além das Faculdades e Escolas já existentes.

No caso da Psicologia, no entanto, houve grandes dificuldades. Vários Conselheiros resistiam à criação de uma unidade independente, apesar do desenvolvimento que a Psicologia já havia alcançado em nosso meio e na própria USP, bem como em diversas outras instituições de aplicação, não necessariamente acadêmicas. Acrescente-se que já existia um curso de graduação na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, destinado à formação do psicólogo, ou seja, de um profissional reconhecido por Lei Federal, desde 1962. Os Conselheiros que se opunham à criação de um Instituto de Psicologia justificavam sua convicção com o fato de existirem apenas duas Cátedras ou Cadeiras dessa área na Faculdade de Filosofia, cujos professores, assistentes e alguns docentes contratados se encarregavam do ensino e da pesquisa nas diversas disciplinas de natureza psicológica. Esses opositores argumentavam que a área da Psicologia não possuía o que se convencionou chamar de “massa crítica”, isto é, um número mínimo de docentes e de instalações que justificassem a criação de uma unidade autônoma. Para eles, por incrível que pareça, a Psicologia poderia ser situada como departamento subordinado a algum Instituto que seria criado com a Reforma. Nesse sentido, surgiu até o comentário de um membro do Conselho, contrário à criação do Instituto e revelando completo desconhecimento da natureza e da abrangência da Psicologia. Ele afirmava que: “se formos criar um instituto para cada disciplina ensinada na USP, teremos uma infinidade deles, o que não se justifica de modo algum”.

Previendo essa dificuldade, em 10 de janeiro do ano de 1969, na qualidade de Professor Catedrático e de Coordenador do Curso de Psicologia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, encaminhei uma carta ao Professor Eurípedes Simões de Paula, Diretor daquela Faculdade e Vice-Reitor da USP, carta posteriormente lida por ele na sessão do Conselho Universitário que decidiria a questão. Nessa carta manifestei a minha posição a favor da criação de um Instituto de Psicologia na estrutura futura da Universidade, aduzindo todos os motivos que justificavam minha posição. Devo esclarecer que o Professor Simões de Paula presidiu muitas vezes as reuniões do colegiado, quando da ausência do Reitor. Devo ainda recordar que, naquele Conselho, nenhum professor de Psicologia tinha assento para poder defender diretamente a nossa justificada pretensão.

Aquela carta representou o início de uma verdadeira campanha de esclarecimento dirigida ao Conselho Universitário, quando contei com o entusiasmo do Professor Samuel Pfromm Netto, na ocasião, Professor Assistente na Cátedra por mim dirigida. Juntos, escrevemos dois longos artigos publicados no *Jornal O Estado de São Paulo*. Nossa argumentação, como não poderia deixar de ser, era, em resumo, a de que a Psicologia não se esgota numa disciplina, mas é uma ciência que abrange inúmeras áreas, tanto teóricas como de aplicação e que, por isso, merece um centro independente e equidistante das demais ciências com as quais se relaciona, como ocorre e já ocorria em todas as boas universidades do mundo.

As propostas que circulavam a favor da Psicologia como departamento de outra unidade que seria criada eram prontamente por nós recusadas. Esclarecíamos que a natureza da Psicologia em sua interface, de um lado com as ciências biológicas e de outro com as ciências sociais, exige, em cada caso, suporte bibliográfico, instalações, equipamentos e laboratórios específicos. Ademais, a aplicação da Psicologia nas mais variadas atividades humanas, como na educação, no trabalho, na saúde mental, nas relações sociais e na vida em sociedade e até nas relações internacionais, não poderia justificar a Psicologia em qualquer outra unidade básica da estrutura universitária.

A fim de oferecer subsídios para o plenário do Conselho Universitário, participamos também de subcomissões daquele órgão nas quais procurávamos convencer os Conselheiros presentes da necessidade e da conveniência da criação do Instituto de Psicologia como uma das unidades básicas da USP.

Em sessão do Conselho realizada em maio de 1969, o Professor Eurípedes Simões de Paula, adotando a minha proposta para a criação do Instituto, apresentou-a para o colegiado decidir, sendo aprovada por 13 votos a favor e 11 contra.

Com essa pequena margem de votos favoráveis, os 13 conselheiros que assim votaram, provavelmente sensíveis à nossa campanha, permitiram que fosse criada esta unidade básica na USP que, hoje, comemora 40 anos e é líder das instituições do gênero, no Brasil, e referência internacional, especialmente nos países da América Latina.

É mister salientar que a nova unidade criada justificava-se também como decorrência inexorável do desenvolvimento da Psicologia e de suas aplicações em São Paulo, especialmente na própria USP, fato que não devia ser desconsiderado.

Se não aproveitássemos aquela oportunidade para a criação do Instituto, outra reforma para criá-lo poderia demandar décadas e hoje, provavelmente, não estaríamos comemorando o extraordinário desenvolvimento deste Instituto, mas, lamentavelmente, apenas o de um departamento de outra unidade universitária.

Criado, o Instituto de Psicologia foi instalado com quatro departamentos, que existem até hoje, pelo desdobramento das duas Cátedras existentes anteriormente. Estava consagrada a nossa independência administrativa relativamente à Faculdade de Filosofia. Porém, independência e ampliação implicavam em maiores despesas: era o início de 1970 e não dispúnhamos de orçamento próprio para aquele exercício, sendo as despesas cobertas pela Faculdade de origem, com enormes dificuldades decorrentes das limitadas disponibilidades orçamentárias.

Tivemos que criar as diversas seções administrativas, tanto na unidade como um todo, como em cada departamento, que dependiam de recursos materiais e humanos consideráveis. Além disso, durante vários anos, o Instituto ficou instalado em barracões provisórios que demandavam manutenção frequente e onerosa, até recebermos os primeiros prédios definitivos, ainda na minha gestão como Diretor.

Hoje, eu me regozijo vendo o Instituto instalado em vários prédios modernos, como os que foram retratados no livro comemorativo dos 40 anos da sua fundação, obra lançada nesta oportunidade.

Apesar das dificuldades, uma das minhas primeiras preocupações, como Diretor, foi a criação dos programas de pós-graduação nos novos moldes estabelecidos pela Reforma Universitária. No mesmo ano de 1970, iniciamos os programas de mestrado nas áreas de Psicologia Escolar e de Psicologia Experimental e, anos depois, nas áreas de Psicologia Clínica e de Psicologia Social e do Trabalho. Na mesma sequência, surgiram os programas em nível de doutorado. Em pouco tempo, a pós-graduação em Psicologia da USP se fez um pólo de atração, para estudantes tanto de outras regiões do Brasil como também do exterior, desejosos de obterem formação especializada e titulação para o exercício docente em outras universidades.

Para se ter uma idéia do significado e do desenvolvimento da formação pós-graduada oferecida pelo Instituto, basta verificar que o número de alunos neste nível supera, em muito, o da própria graduação. Na primeira década de funcionamento, o Instituto já havia formado 184 mestres e 90 doutores, e até o ano de 2010 esses números elevaram-se de modo extraordinário, para 1.516 mestres e 1.112 doutores.

Quanto à atividade de pesquisa, gostaria de lembrar apenas um dado relativo a meados da década de 80: em levantamento que realizamos naquela época sobre os trabalhos de Psicologia apresentados até então, nas reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, somadas as contribuições de todas as universidades do País e de outros centros de pesquisa dessa área, verificou-se que 30% do total eram provenientes do Instituto de Psicologia da USP.

Nos 40 anos de existência desta unidade, a produção científica aqui realizada tem sido notável; ela possibilitou a participação de seus docentes em inúmeros congressos e outras reuniões científicas nacionais e internacionais e a publicação de muitos trabalhos em periódicos especializados.

Além das atividades deste Instituto no âmbito da graduação e, especialmente, no da pós-graduação, da prestação de serviços à comunidade, da produção de pesquisa e do intercâmbio científico, gostaria de me referir à implantação da Biblioteca e do desenvolvimento impressionante que esse setor vem demonstrando, com sua modernização e participação no Sistema Integrado de Bibliotecas da USP e em vários sistemas internacionais de informação.

A situação no início era bem diferente. Na antiga Faculdade de Filosofia, estruturada em Cátedras, ou Cadeiras, havia em cada uma destas unidades uma pequena biblioteca, limitada essencialmente à respectiva área do conhecimento.

As áreas do conhecimento que hoje integram os departamentos dos vários Institutos criados pela Reforma Universitária, naquela Faculdade constituíam as Cátedras cujo número se elevava a 55, das quais apenas duas eram de Psicologia. Por isso, era, necessariamente, muito reduzido o orçamento destinado para nossa área. Lembro que, no início de cada ano, eu me reunia com o Professor Dante Moreira Leite, então assistente da Professora Annita Cabral, contratada para reger a Cadeira de Psicologia. Essas reuniões serviam para decidirmos, da forma mais econômica, quais livros e quais coleções de periódicos poderiam ser adquiridos em cada Cátedra, face à minguada verba que recebíamos.

Com a criação do Instituto, começamos implantar a Biblioteca da nova unidade, que deveria servir aos docentes e alunos dos quatro departamentos então criados. Inicialmente, reunimos os acervos existentes nas duas Cadeiras da ex-Faculdade de Filosofia. A direção da Biblioteca foi confiada à Dra. Elza Corrêa Granja, especialista que, com muita competência e extrema dedicação, dispendo apenas de uma pequena equipe de colaboradores, começou a desenvolver o setor que hoje constitui um justo orgulho deste Instituto e uma referência nacional para outras instituições de ensino e pesquisa, na área da Psicologia, e mesmo para instituições de outros países da América Latina.

Dando continuidade à excelente atuação de Elza Corrêa Granja, hoje dirige esse setor a Profa. Maria Imaculada Cardoso Sampaio que, mediante atuação igualmente dedicada e competente, vem ampliando os serviços prestados, inclusive com os recursos da informatização.

Como Diretor do Instituto e, conseqüentemente, responsável pela verba recebida, eu me encontrei, muitas vezes, em situação difícil: atender às necessidades de ampliação da Biblioteca ou a pedidos de melhores recursos materiais, como, por exemplo, uma nova linha telefônica para determinado departamento – naquela época uma preciosidade. No entanto, procurei sempre priorizar a modernização e o desenvolvimento da Biblioteca, considerando o âmbito de sua abrangência, no que se refere à utilidade para os usuários de todos os departamentos.

Tive o prazer de doar à Biblioteca a maior parte de meu acervo de livros e coleções de periódicos, de cerca de 2.000 volumes, além de alguns móveis para a guarda desse material.

Sentimentalmente ligado ao Instituto, neste ano de 2011, fiz uma doação complementar de algumas dezenas de livros e de coleções de periódicos, bem como de um conjunto de pastas contendo documentos relativos à Cátedra de Psicologia Educacional, que exerci na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para o acervo do Centro de Memória do Instituto de Psicologia da USP, criado no ano 2000 e convenientemente sediado na Biblioteca.

Nesse mesmo ano de 2000, a Congregação do Instituto aprovou proposta para a designação oficial da Biblioteca como “Biblioteca Dante Moreira Leite,” uma merecida homenagem ao professor tão querido que a morte retirou prematuramente do nosso convívio e da Direção do Instituto, interrompendo o exercício do seu mandato, decorridos apenas dois anos. Em memória, presto aqui minha homenagem.

Quando, em 1988, me aposentei do cargo de Professor Catedrático da USP, após cerca de 40 anos de exercício docente na Universidade – parte na Faculdade de Filosofia e parte neste Instituto – e de ter cumprido alternadamente três mandatos de Diretor desta unidade – eu não poderia imaginar que teria a oportunidade e a imensa felicidade de participar da festa comemorativa dos 40 anos da Instituição que ajudei criar.

Terminando, repito o que já manifestei no livro que está sendo lançado: considerando o desempenho que representa, no Brasil, o Instituto de Psicologia, em termos de ensino, de produção científica e de serviços à comunidade, pode-se concluir que foram plenamente justificados e oportunos os treze votos favoráveis do Conselho Universitário que, em 1969, em boa hora, permitiram a criação desta unidade básica da USP.

Muito obrigado